

Image not found

<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/all/themes/business/logo.png>

Published on *Lirica Medievale Romanza* (<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it>)

Home > VIDAL

VIDAL

- letto 298 volte

EDIZIONE

- letto 168 volte

Faz-m'agora por si morrer

- letto 94 volte

Testo critico e traduzione

I,2 v.2	B V	e tras me muy? coitado e tras me muy coitado
I,3 v.3	B V	mha ssenhor do bom parecer mha ssenhor do bom parecer
I,4 v.4	B V	e do cas bem talhato e do car bem rilhado
I,5 v.5	B V	a por que ey? morter a prender a por que ey morte a prender
I,6 v.6	B V	come çervo lançado come cervo lançado
I,7 v.7	B V	que sse may do mund?a perder que sse vay do mund?a perder
I,8 v.8	B V	da companha das cervas da companha das cervas
R., 1 v.9	B V	e mal dia non enfandec -1 e mal dia non ensandeci
R., 2 v.10	B V	e pasesse das hervas e passe des hvas -2
R.,3 v.11	B V	e non viss?u primeyro vj e non vessa primeyro -1
R.,4 v.12	B V	a muy? fremosinha d?elvas a muy fremosinha d?elvas.
II, 1 v. 13	B V	Que [?]

R.1 v.21	B V	[?] [?]
III,3 v.25	B V	Oy mais a morrer me conven [?]
III, 4 v.26	B V	ca ran coytado seio [?]
III,5 v.27	B V	pola mha ssenhor do bom sem [?]
III,6 v.28	B V	que am?e que deseio [?]
III,7 v.29	B V	E que me pareç?er tan ben [?]
III,8 v.30	B V	cada que a eu veio [?]
III,9 v.31	B V	que semelha rrosa que ven [?]
III,3 v.32	B V	quando sul d?antr as rrelvas [?]
R.,1 v.33	B V	E mal dia non ensandecy [?]
R.2 v. 34	B V	[?] [?]

- letto 43 volte

Tradizione manoscritta

- letto 91 volte

CANZONIERE B

- letto 66 volte

Riproduzione fotografica

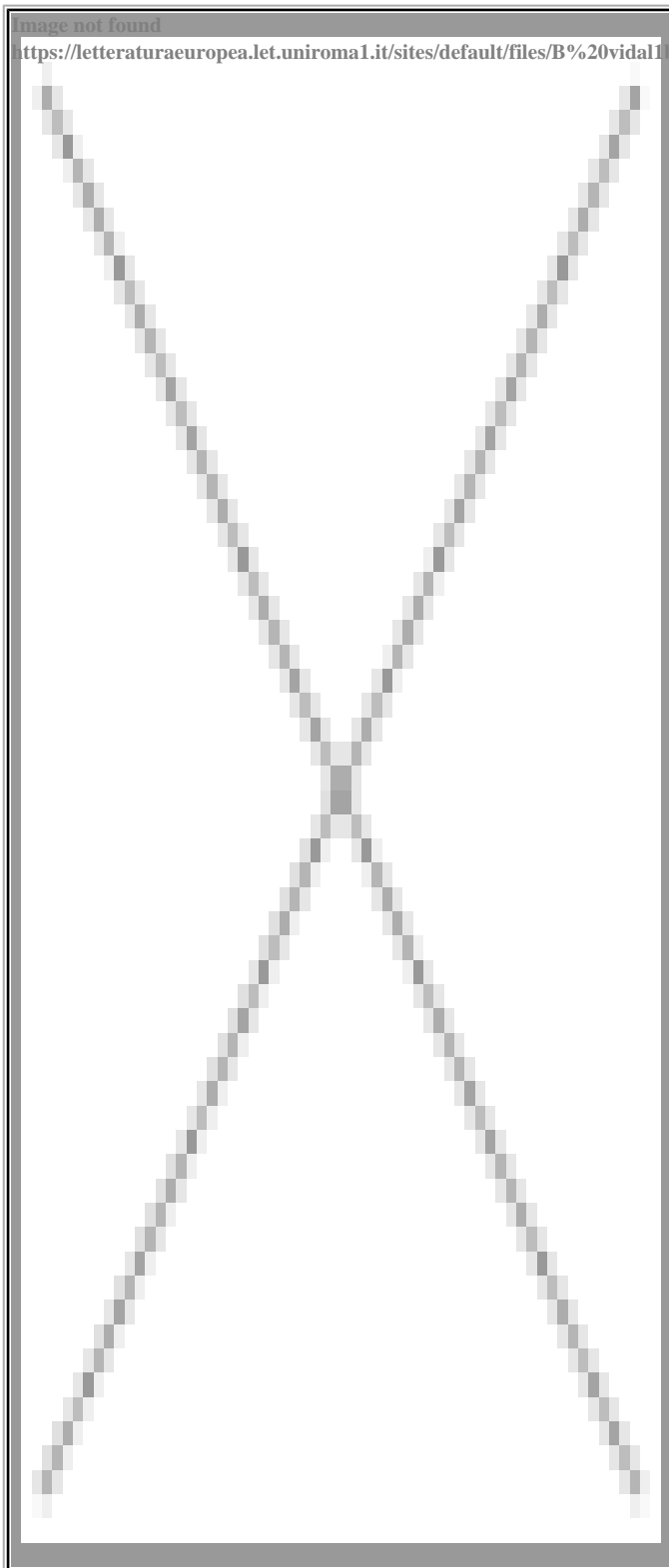
Image not found

<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/faz%20vidal%20b.jpg>



- letto 54 volte

Edizione diplomatica



Faz magora porssy? morrer
etrasme muy? cortado mha
ssenhor dobom parecer edo
cas bem talhato apor q(ue) ey? mort(er)
a p(re)nder . come çervo[1] lançado q(ue)sse
vay domu(n)da p(er)der da companha
das cervas emal dia no(n) enfandę[2]
e pasesse das h(er)vas
eno(n)vissu p(ri)meyro uj
a muy? f(re)mosinha delvas[3]

Que

Oy mais amorrer me conve(n)
cara(n) coyado seio
pola miha ssenhor do
bom fem .
q(ue) av[4]me que de seio
E q(ue) me parecer ta(n) ben
cada q(ue) a eu veio
q(ue) semelha rrosa q(ue) ve(n)
qua(n)do sul dantras rrelvas[5]
Emal dia no(n) ensandery

[1] Segno ricurvo sopra la o

[2] C?è una macchia d?inchiostro che copre parte della lettera, la cediglia ci permette di capire che è una ç

[3] Sottolineatura

[4] Il grafema v è cassato con un tratto verticale

[5] Sottolineatura

- letto 58 volte

Edizione diplomatico-interpretativa

I	I
<p>Faz magora porssy? morrer etrasme muy? coitado mha ssenhor dobom parecer edo cas bem talhato apor q(ue) ey? mort(er) a p(re)nder . come çervo lançado q(ue)sse vay domu(n)da p(er)der da companha das cervas emal dia no(n) enfandec e pasesse das h(er)vas eno(n)vissu p(ri)meyro uj a muy? f(re)mosinha delvas</p>	<p>Faz m?agora por ssy morrer e tras me muy coitado mha ssenhor do bom parecer e do cas bem talhato; a por que ey mort(er) a prender come çervo lançado, que sse vay do mund?a perder da companha das cervas. E mal dia non enfandec e pasesse das hervas e non viss?u primeyro vj, a muy? fremosinha d?elvas</p>
II	II
<p>Que</p>	<p>Que</p>
III	III
<p>Oy mais amorrer me conve(n) cara(n) coyado seio pola mha ssenhor do bom sem . q(ue) avme que de seio E q(ue) me parecer ta(n) ben cada q(ue) a eu veio q(ue) semelha rrosa q(ue) ve(n) qua(n)do sul dantras rrelvas Emal dia no(n) ensandecy</p>	<p>Oymais a morrer me conven, caran coyado seio pola mha ssenhor do bom sem, que am?e que deseio, E que me pareç?er tan ben cada que a eu veio que semelha rrosa que ven, quando sul d?antr?as rrelvas E mal dia non ensandecy [?.]</p>

- letto 28 volte

CANZONIERE V

- letto 78 volte

Riproduzione fotografica

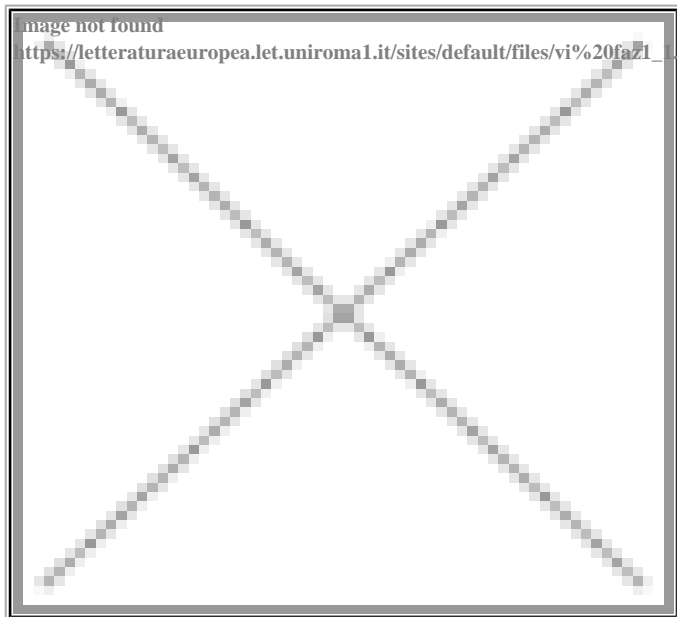
Image not found

<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/faz%20vidal%20vat.jpg>



- letto 58 volte

Edizione diplomatica

	<p>Faz magora por ssy morrer etrasme muy coitado mha ssenhør do bom pareceredo car bem rilhado apor q(ue)ey mort(e) ap(re)nder come cervo lançado q(ue)sse may domu(n)da perderda co(m)panha das cervas emal dia no(n) ensandeci e passedes h?as enduessa p(ri)meyro amuy f(re)mosinha delvas.</p>
----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- letto 62 volte

Edizione diplomatico-interpretativa

<p>I</p> <p>Faz magora por ssy morrer etrasme muy coitado mha ssenhør do bom pareceredo car bem rilhado apor q(ue)ey mort(e) ap(re)nder come cervo lançado q(ue)sse may domu(n)da perderda co(m)panha das cervas emal dia no(n) ensandeci e passedes huas en(on)uessa p(ri)meyro amuy f(re)mosinha delvas.</p>	<p>I</p> <p>Faz m?agora por ssy morrer e tras me muy coitado mha ssenhør do bom parecer e do car bem rilhado, a por que ey morte a prender come cervo lançado, que sse may do mund?a perder da companha das cervas. E mal dia non ensandeci e passe des hvas e non vess?a primeyro a muy fremosinha d?elvas.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- letto 36 volte

Moyr e faço derey?to

- letto 102 volte

Testo critico e traduzione

<p>Moir?, e faço dereito, por ?a dona d?Elvas que me trage tolheito, como a quen dan as ervas. Des que lh?eu vi o peito branco, dix?as sas servas: «A mia coita non á par, ca sei que me quer matar e quero eu morrer por ela, ca me non poss?en guardar».</p> <p>Amor ei???????</p>	<p>I. Muoio e faccio la cosa giusta, per una Donna d?Elvas che mi rende invasato(dissenato), come colui al quale danno le erbe. Da quando le ho visto il petto bianco, ho detto alle sue serve: « La mia sofferenza non ha eguali, perché so che vuole uccidermi e io voglio morire per lei, poiché non posso più salvarmi.»</p> <p>II. Amore ho?</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- letto 41 volte

Collazione

I,1 v.1	B V	Moyr?e faço derey?to Moyr?e faza dereyto
I,2 v.2	B V	por h?ia dona d?elvas por h?a dona d?elvas
I,3 v.3	B V	que me trage tolhey?to que me trage tolheyto
I,4 v.4	B V	como a yue dam as hervas como a que dam as hervas
I,5 v.5	B V	des que lh?eu vi opey?to des que lh?eu vi opeyto
I,6 v.6	B V	branco, dix?aas ssas servas branco, dix?aas ssas servas

I,7 v.7	B V	a mha coyta no a par a mha coua non a par
I,8 v.8	B V	ca ssey que me quer matar ca ssey que me que matar
I,9 v.9	B V	e quero eu morer poz ela e quero eu morrer por ela
I,10 v.10	B V	ca me non poss?em guardar ca me non poss?em guardar
II, 1 v.11	B V	Amor ey? [?]

- letto 48 volte

Tradizione manoscritta

- letto 87 volte

CANZONIERE B

- letto 68 volte

Riproduzione fotografica

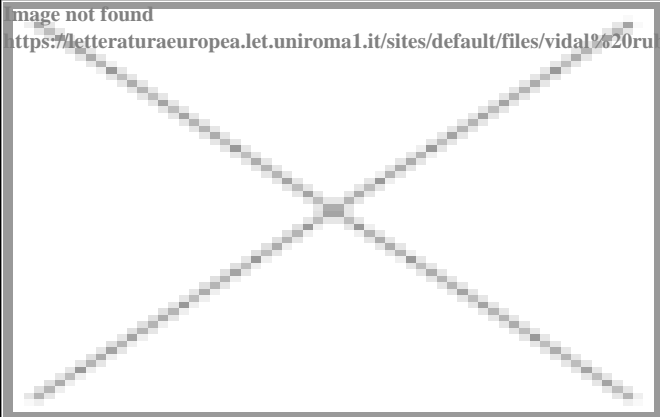
Image not found

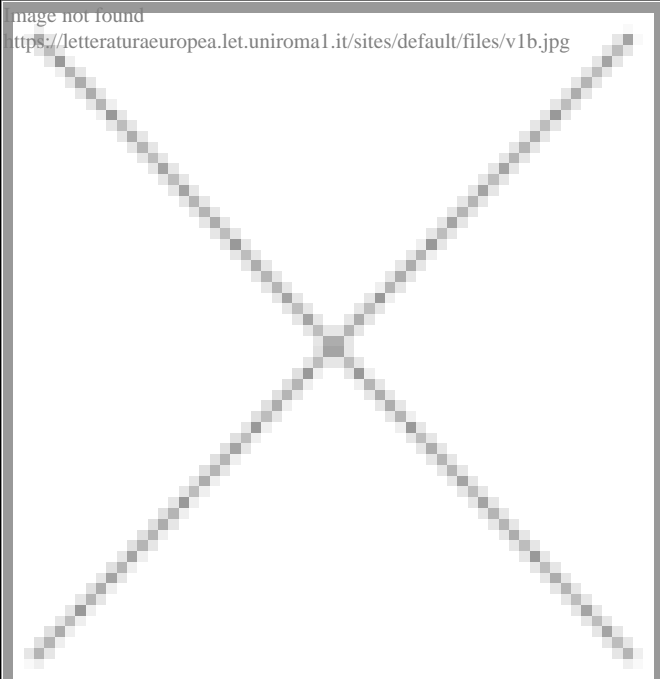
<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/vidal%201.jpg>



- letto 54 volte

Edizione diplomatica

 <p>image not found https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/vidal%20ru.jpg</p>	<p>Eras duas ca(n)tigas . fez h?u judeu delvas q(ue) avía nom(e) Vidal? por Amor d?a judia dessavila q(ue) avia nom(e) dona e p(er)o q(ue) e be(n) q(ue) obe(n) q(ue) hom(e) faz sseno(n) p(er)ça mandamolo sc(re)ver eno(n) sabemos mais dela mais do duas cobras a p(ri)m(eri)a cobra de cada h?a. [1]</p> <p>[1] Notazione di mano colocciana, successivamente cassata.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

 <p>image not found http://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/v1b.jpg</p>	<p>Moyr e faço derey?to por h?ia dona delvas que me trage tolhey?to como a y(ue) dam as h(er)vas des quelheu vi opey?to branco dixaaas ssas Servas amha coyta no a par . cassey q(ue) me q(ue)r matar eq(ue)ro eu morer poz ela came no(n) possem guardar</p> <p>Amor ey?</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- letto 61 volte

Edizione diplomatico-interpretativa

I	I
---	---

<p>Moyr e faço dereyto por h?ia dona delvas que me trage tolhey?to como a y(ue) dam as h(er)vas des quelheu vi opeyto branco dixaaas ssas Servas amha coyta no a par . cassey q(ue) me q(ue)r matar eq(ue)ro eu morer poz ela came no(n) possem guardar</p>	<p>Moyr?, e faço derey?to, por h?ia dona d?elvas que me trage tolhey?to, como a yue dam as hervas des que lh?eu vi o pey?to branco, dix?aas ssas servas: «a mha coyta no a par, ca ssey que me quer matar, e quero eu morer poz ela ca me non poss?em guardar».</p>
II	II
Amor ey	Amor ey????????..

- letto 27 volte

CANZONIERE V

- letto 71 volte

Riproduzione fotografica

Image not found

<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/vidal%20vaticana.jpg>



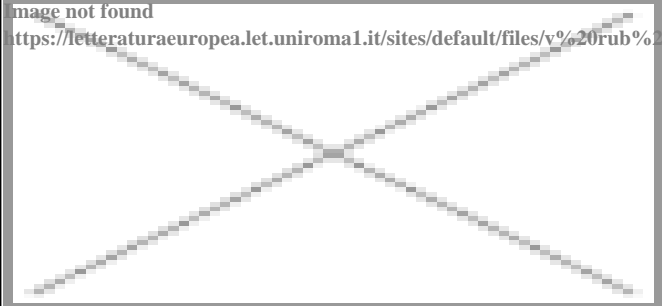
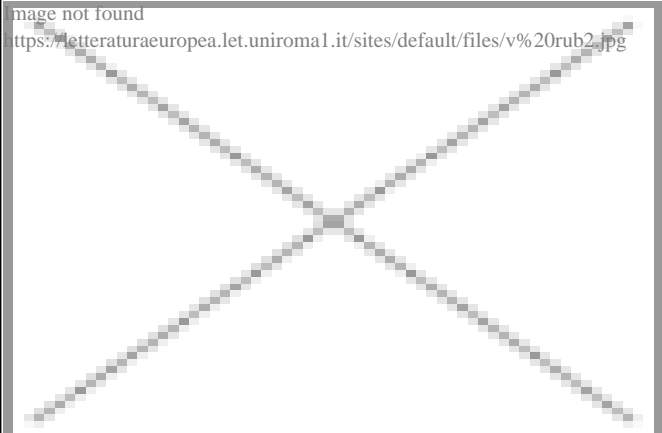
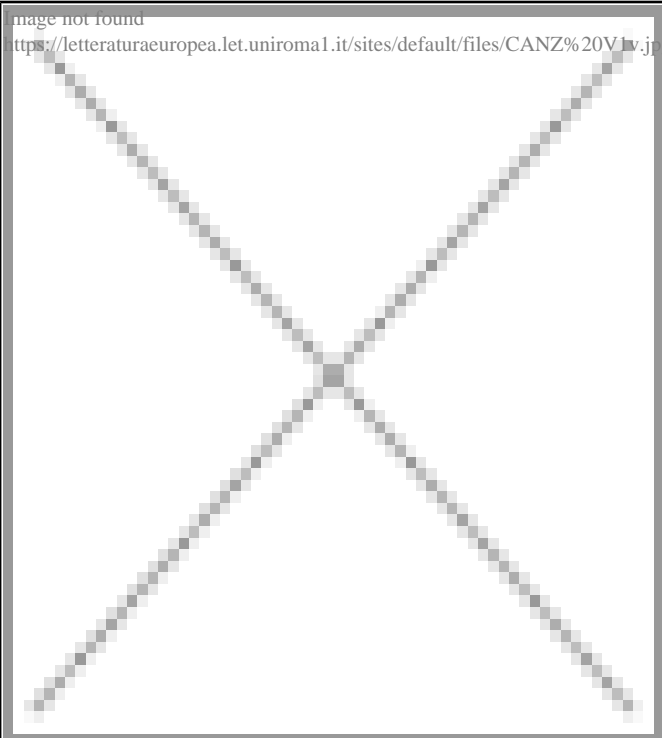
Image not found

<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/vidal%20vat%202.jpg>



- letto 54 volte

Edizione diplomatica

 <p>image not found https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/v%20rub%201.jpg</p>	<p>Estas duas cantigas faz hu? iudeu deluas q(ue) auia nom(e) uidal por amo(r) d?a judia dessa uila q(ue) avia nom(e) dona epo(r) q(ue) ebe(m) V[1]</p> <p>[1] Segno posto sotto <i>dona</i> di mano collociana</p>
 <p>image not found https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/v%20rub2.jpg</p>	<p>q(ue) o ben q(ue) hom(e) faz sseno(n) p(er)ça ma(n)damdo sc(ri)ver e no(n) sabe[1]mus mais dela mais de duas cobras ap(re)im(er)a cobre de cada h?a cada huna[2]</p> <p>[1] La macchia d'inchiostro rende illeggibile la e, probabilmente un altro copista ha aggiunto il grafema successivamente [2]Colocci (un altro copista?) ha riportato la parte finale della rubrica, sottolineandola.</p>
 <p>image not found https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/CANZ%20V1v.jpg</p>	<p>Moyre faza dereyto por h?a dona delvas q(ue) me trage tolheyto como a q(ue) lhem ui opeyto branco dixaaas ssas seruas amha coua no(n) a par cassey q(ue) me q(ue) matar e q(ue)ro eu morrer por ela came no(n) possem guardar</p>

- letto 55 volte

Edizione diplomatico-interpretativa

I	I
Moyre faza dereyto por h?a dona delvas q(ue) me trage tolheyto como a q(ue) dam as h(er)uas des q(ue)lheu ui opeyto branco dixaaas ssas seruas amha coua no(n) a par cassey q(ue) me q(ue) matar e q(ue)ro eu morrer por ela came no(n) possem guardar	Moyr?, e faza dereyto, por h?a dona d?elvas que me trage tolheyto como a que dam as hervas. Des que lh?eu vi o peyto branco, dix?aas ssas servas: «a mha coua non a par ca ssey que me que matar e quero eu morrer por ela, ca me non poss?em guardar»

- letto 28 volte

Credits | Contatti | © Sapienza Università di Roma - Piazzale Aldo Moro 5, 00185 Roma T (+39) 06 49911
CF 80209930587 PI 02133771002

Source URL: <https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/?q=laboratorio/vidal>